

<b>Time Out</b>  09-12-2009	Periodicidade:	<b>Semanal</b>	Temática:	<b>Cultura</b>
	Classe:	<b>Cultura/Lazer</b>	Dimensão:	<b>218</b>
	Âmbito:	<b>Nacional</b>	Imagem:	<b>S/Cor</b>
	Tiragem:	<b>20000</b>	Página (s):	<b>62</b>



## O Banqueiro Anarquista

**Teatro Maria Matos**  
**Teatro da Trindade**

Teatro. Ambas as peças se estreiam na quinta-feira

Falar de teatro em Fernando Pessoa é recordar quase de imediato *O Marinheiro*, o “drama estático”, como o próprio lhe chamou, que se construía a partir das conversas de três mulheres que velavam o corpo de uma quarta. Mas esta semana estreiam-se em Lisboa, e por coincidência, dois espectáculos que partem de um mesmo texto de Pessoa, um texto que não foi escrito com o intuito de se apresentar num palco: falamos de *O Banqueiro Anarquista*, de 1922. Trata-se de um “conto de raciocínio”, onde um banqueiro explica ao seu interlocutor porque se considera um anarquista, e de que forma foi resolvendo todas as contradições desta sua inesperada condição.

No **Teatro Maria Matos**, *O Banqueiro Anarquista* estreia-se esta quinta-feira, 10, numa encenação de João Garcia Miguel. “Esta é uma narração que não tem acção propriamente dita, o que se torna difícil, mas ao mesmo tempo a ideia é absolutamente encantadora”, diz o encenador. “Não deixa de ter uma moralidade, um absurdo, algo que espelha – ainda que de maneira deformada – aquilo que é a nossa alma, a nossa maneira de estar no mundo.”

Redescobrimo o século XXI à luz de autores anarquistas dos séculos XVIII e XIX, de Stirner a Bakunin, João Garcia Miguel imaginou “um cabaret anarquista” como os que existiam no início do século XX, com as devidas actualizações. O banqueiro (o australiano Anton

Skrzypiciel) canta e discursa em inglês – com legendas em português – para o dono deste bordel, onde nove ecrãs passam imagens relacionadas com “ressonâncias” encontradas na leitura do texto. O palco, por onde irrompem “figuras de sonho” apresentando números e coreografias, também é filmado por *webcams* em tempo real.

No **Teatro da Trindade**, *O Banqueiro Anarquista* tem estreia marcada também para esta quinta, dia 10, e conta com encenação de Annalisa Bianchi e Virgínio Liberti. O banqueiro, Amândio Pinheiro, apresenta-se em cena à mesa e na companhia de uma mulher, como se tivessem sido deixados a sós no final de um jantar. Sedutora e insistente, esta figura misteriosa envolve o protagonista numa espécie de alucinação fatalista, deixando-o discorrer sobre as suas convicções como se o seu tempo de vida estivesse a chegar ao fim.

O projecto foi proposto por Amândio Pinheiro e abraçado de forma unânime: a própria mundividência pessoana foi transposta para o palco, evitando que a peça se transformasse na mera “exposição de uma tese”. “Ele via o mundo de forma distanciada, mas isso não significava que não vivesse, também ele, neste mundo”, comenta o encenador Virgínio Liberti. Ainda que inicialmente estivesse prevista a inclusão de um texto de Alessandro Hellmann, o grupo decidiu trabalhar apenas com o conto, fazendo pequenas modificações numa obra cujo conteúdo “é mais importante do que a forma”, sublinha Liberti.

*Bárbara Cruz*



João Garcia Miguel. A versão do encenador cria “um cabaret anarquista”